

Uma mensagem para alunos e leitores

Olavo de Carvalho

Aula 12 do curso Parallaxe Cognitiva
Mensagem original de 2007

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso de Filosofia Online.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde, meus amigos.

Esta mensagem é dirigida a todos meus alunos, ex-alunos, futuros alunos e leitores. Quando eu comecei o meu Seminário de Filosofia, em 1987, o objetivo principal era tentar formar uma nova geração de intelectuais brasileiros, livre dos vícios que tinham transformado a vida intelectual, no Brasil, numa palhaçada comunista indigna da menor atenção — exceto como objeto de desprezo.

As causas principais de tudo o que se passou no Brasil, na política brasileira, desde então — passados já vinte anos —, são para mim bastante evidentes. Em primeiro lugar, a deterioração da Igreja Católica, que a partir do Concílio Vaticano II foi sendo cada vez mais infiltrada por comunistas — uns mais ostensivos, outros mais camuflados —, e que foi, aos poucos, perdendo toda a sua força espiritual e a sua capacidade de irradiar sobre a nação uma influência benéfica.

Eu sei que hoje fica até difícil para as pessoas que nasceram já nas últimas décadas, e que viveram dentro disso como um fato consumado, compreender de que eu estou falando. Mas para aqueles que ainda têm alguma recordação do que era a intelectualidade católica, vamos dizer, de todas as primeiras décadas do século XX, e que têm idéia do poder, do vigor intelectual, com que essa intelectualidade reagiu às tendências ideológicas brutais do século XX, podem medir a diferença entre o que a Igreja Católica era, antes do Concílio Vaticano II, e no que ela se transformou depois.

Pode-se dizer que o Concílio realizou plenamente o programa traçado trinta anos antes — porque o Concílio foi em 1963. Trinta anos antes foi traçado o programa da ação comunista para a Igreja Católica por Antônio Gramsci. Gramsci dizia: “Nós não devemos combater a Igreja Católica. Nós devemos entrar nela, esvaziá-la do seu conteúdo espiritual e transformá-la numa caixa de ressonância para a nossa própria mensagem.” Isso foi feito à risca e com um sucesso enorme.

Eu, hoje, acredito que o Concílio esteve muito perto de destruir completamente a Igreja. Destruir, em primeiro lugar, é claro que por dentro: destruir no seu espírito, na sua missão, no seu senso do dever milenar que tem para com Deus e para com os fiéis, e diluir esse espírito num

sistema alucinante de subterfúgios e desconversas que acabam por fazer do discurso católico, nos últimos trinta anos, nada mais do que um instrumento auxiliar da propaganda comunista no mundo. Isso aí sem exagero nenhum e sem retórica nenhuma. Às vezes é difícil as pessoas entenderem isso porque elas não têm a retaguarda histórica e não têm meios de comparação. Mas se nós sabemos o que era a vida intelectual católica, naquela época, e o que é hoje, a diferença é tão grande que já não parece se tratar da mesma entidade.

Isso é algo que aconteceu, de algum modo, em todo o mundo, mas em nenhum lugar com tal profundidade e tal gravidade como no Brasil. Ao ponto de que, já a mais de dez anos atrás, um dos grandes pensadores católicos do Brasil, o padre João Evangelista Martins Terra, dizia que a Igreja Católica, no Brasil, estava à beira do cisma — e eu acho que cisma já aconteceu. Eu acho que a Igreja Católica no Brasil não tem mais nada a ver com a Igreja Católica no mundo. É só você vir aqui nos Estados Unidos, entrar numa igreja qualquer, assistir uma missa, ouvir uma pregação e você vê que está em outro mundo. A mesma coisa na França, na Itália etc. Por toda parte existe um pouco de teologia da libertação, mas ela foi desarraigada por toda a parte. Mas, no Brasil, ela veio para ficar e ela exerceu influência muito mais profunda do que a sua presença nominal deixa entrever.

E a segunda causa, vamos dizer, na esteira dessa decadência da Igreja Católica, foi a destruição da intelectualidade brasileira em geral, que se tornou, aos poucos, apenas uma militância a serviço, seja da propaganda comunista ostensiva, seja — o que é pior — da diluição da mentalidade conservadora e liberal em fórmulas que, de um modo ou de outro, facilitam a penetração comunista. Um dos elementos mais graves dessa penetração é a disseminação daquilo que eu chamo de pragmatismo supra-ideológico. Eu acabei de escrever um artigo sobre isso para o *Diário do Comércio* (<https://olavodecarvalho.org/a-ideologia-da-anti-ideologia/>) e creio que lá vocês podem encontrar maiores esclarecimentos a respeito. Mas só para dar um resumo, é esse o nome que eu dou a essa ideologia que acredita que todo elemento ideológico pode ser extirpado da vida social e que tudo pode ser decidido por critérios pragmáticos, critérios de mercado, critérios técnico-científicos etc.

Essa ideologia — porque ela própria é uma ideologia, evidentemente — se disseminou muito rapidamente nos meios empresariais e sobretudo entre os chamados liberais; embora ela, em si mesma, na sua origem, seja o que possa haver de mais oposto ao liberalismo. E também não tem nada a ver com pragmatismo no sentido de William James. É que no Brasil a palavra pragmatismo adquiriu o sentido, vamos dizer, duma espécie de praticismo imediato — que não é o espírito do pragmatismo do William James. E a verdadeira origem do pragmatismo supra-ideológico é, no fim das contas, o positivismo de Auguste Comte. Comte acreditava, praticamente, numa eliminação da política em que a sociedade seria entregue a tecnocratas que decidiriam tudo na base da administração racional.

Então, na medida em que o pragmatismo supra-ideológico infecta as próprias camadas liberais e, sobretudo, as lideranças empresariais, o que acontece? Elas se tornam totalmente desarmadas para a luta política, porque elas apostam tudo na economia, tudo no progresso econômico e, em nome

do progresso econômico, colaboram até com os governos comunistas, como a gente vê agora acontecendo com o Lula. Quer dizer, todo o empresariado correndo para ajudar o Lula para que o Brasil progrida. Porque eles acreditam piamente que se o Brasil progredir ou qualquer país progredir, ficar rico etc., na base da economia de mercado, estará livre do socialismo — quando é exatamente o contrário. O progresso econômico não vacina ninguém contra o socialismo, é exatamente ao contrário: nunca houve uma revolução socialista num país que estivesse economicamente declinando, só em países que estavam crescendo, a começar pela Revolução Francesa. A França era o país mais próspero da Europa pelo menos cinqüenta anos antes da revolução; do mesmo modo, a Rússia. Nos últimos cinqüenta anos do século XIX, a Rússia foi o país que mais cresceu economicamente na Europa. E justamente esse crescimento é que produz a agitação socialista. Produz como?

O próprio crescimento da economia produz, automaticamente, uma ampliação dos serviços estatais. Então, você precisa recrutar as pessoas para a função burocrática. E a função burocrática se torna um meio de ascensão social para muita gente das camadas populares. Acontece que nenhuma burocracia cresce com a velocidade com que crescem as ambições aí despertadas pela promessa de um emprego na burocracia. Essas ambições, o canal para realizá-las é, evidentemente, o ensino, a educação [0:10]. Então você tem, primeiro, uma ampliação relativa da burocracia estatal, em volta você tem uma ampliação muito maior do sistema de ensino, e em volta do sistema de ensino você tem uma ampliação muito maior das ambições de ascensão social através da burocracia. Acontece que aí surge uma camada social de aspirantes à burocracia que serão frustrados no meio da sua carreira. Porque dentre aqueles que entram no ensino universitário, na educação universitária, na esperança de subir na burocracia, só uma parcela ínfima consegue. Então você tem permanentemente um exército de pessoas relativamente educadas, semi-educadas, muito mal educadas, que não têm uma função na sociedade. Então esses alimentarão o quê? Alimentarão a classe revolucionária. Eles são a classe revolucionária.

Quando se diz que os intelectuais são a classe revolucionária, é preciso entender que essa palavra “intelectuais” aí não quer dizer as pessoas que se dedicam realmente às atividades intelectuais. Mas quer dizer essa semi-intelectualidade universitária que é produzida e jogada no mercado em quantidades cada vez maiores a cada ano, criando um exército de inúteis que, por causa do seu rudimento de educação adquirido na universidade, se acreditam melhores do que o restante da sociedade e capacitados para assumir o seu comando, modificá-la etc. É essa a raiz sociológica da classe revolucionária. Claro que o surgimento da mentalidade revolucionária tem outras causas, outras raízes, que eu mesmo tenho estudado numa série de investigações que vão compor o meu livro — ou livros — chamado *Mentalidade Revolucionária*. Mas, sociologicamente, a explicação é mais ou menos essa, é o fenômeno que eu denomino a burocracia virtual.

Eu acho que não existe país onde a burocracia virtual tenha crescido mais do que no Brasil. Eu me lembro que ainda no tempo do regime militar havia o fenômeno dos chamados excedentes — excedentes eram os alunos que faziam o vestibular e que passavam no vestibular, mas que não tinha vaga para eles na universidade. O Governo Militar, esperto como ele só, achou que devia abrir uma universidade em cada esquina e satisfazer a demanda desse pessoal por educação; na

verdade, não é educação que eles querem, é apenas um diploma para poderem penetrar no funcionalismo público. Uma pesquisa recente mostrou que menos de dois por cento dos universitários brasileiros aspiram a tornar-se empresários. Todos querem emprego, noventa e oito por cento querem emprego e, desses noventa e oito por cento, certamente a maioria quer emprego ou na burocracia estatal ou na própria universidade. Portanto, a universidade brasileira é essencialmente uma formadora de burocratas. Não é formadora da classe dominante, em sentido capitalista, como dizem os marxistas — isso é a coisa mais incrível do mundo! Porque o próprio professor marxista que trabalha na universidade, que está dentro da burocracia, que está vivenciando aquela situação sociológica que ele deveria ser capaz de identificar, ele mesmo diz que a universidade existe para formar a classe dominante capitalista. Quer dizer, a situação existencial dele desmente o que ele está dizendo. A universidade no Brasil existe para formar a burocracia e, sobretudo, para formar a burocracia virtual, isso é, a militância.

De algum modo, a universidade brasileira estava destinada a se tornar aquilo que se tornou mais tarde: uma gigantesca escolinha do MST, onde a filiação marxista do indivíduo é suficiente para qualificá-lo como professor universitário e fazer dele talvez até, na opinião dos outros, um intelectual eminente; embora sejam todos semi-analfabetos como o doutor Emir Sader, pessoas totalmente desqualificadas, dedicadas inteiramente à propaganda comunista mais vulgar. Pessoas que, digamos, em uns cinqüenta anos atrás, não teriam uma posição de destaque nem mesmo no meio comunista. Porque cinqüenta anos atrás havia, de fato, uma intelectualidade comunista com alguma exigência. Hoje em dia, no Brasil, não tem mais nem isso. O Brasil é um país onde até um desqualificado como o Quartim de Moraes se torna um grande intelectual. Por quê? Porque escreveu meia dúzia de trabalhos de propaganda comunista e de estratégia comunista. Isso aí é tudo o que ele fez. Então, com isso, o nego se torna filósofo, é reconhecido como um grande pensador, etc. A universidade brasileira está repleta dessa gente. É claro que, a partir do instante em que aconteceu isso e isso se tornou um fato disseminado e dominante — por onde praticamente não há mais lugar para ninguém na universidade, a não ser para essas pessoas —, é claro que o Brasil saiu da história intelectual do mundo.

Comparar o que era a vida intelectual no Brasil nos anos cinqüenta, sessenta, com o que é hoje, é você comparar um país do primeiro mundo com uma Zâmbia. Não tem medida possível de comparação. Trinta ou quarenta anos atrás, nós ainda tínhamos vivo um Gilberto Freyre, um Otto Maria Carpeaux, um José Guilherme Merquior... tinha pessoas de relevância mundial. O que não quer dizer que não tenha hoje, porque agora mesmo tinha o Bruno Tolentino, mas essas pessoas ficam totalmente marginalizadas, elas não aparecem, não ocupam espaço nos suplementos culturais, não são estudadas nas universidades nem nada. O grosso da vida intelectual, seja na universidade, seja nos suplementos culturais, é só ou propaganda comunista — na melhor das hipóteses, camuflada de debate letrado —, ou então é interpromoção, interbadalação, interbajulação entre figuras partidárias. Então quer dizer que a vida intelectual foi tornada instrumento de ascensão social para organizações comunistas que realmente dominaram o espaço. Quando acontece isso, o país está morto. Aliás, quando o país se deixa seduzir pelo comunismo é porque já está muito doente, está muito decadente. É mais ou menos como o indivíduo que se deixasse seduzir pelas drogas: a experiência das drogas é uma coisa que

uma pessoa faz quando ela já está com o pé na cova, já está querendo se destruir. Então a droga ajuda a se destruir mais rapidamente. O comunismo é exatamente a mesma coisa. É a tentação final que completa uma descida: o sujeito está descendo para o inferno; daí chega na porta do inferno e bate, e na hora que bate entregam a droga ou a carteirinha do Partido Comunista.

Tendo visto essa situação naquele tempo e tendo claramente uma certa antevisão do que viria nas décadas seguintes — e graças a Deus eu fui dotado com esta capacidade de fazer prognósticos históricos relativamente certos, não por adivinhação, nem por dons proféticos, mas por análise histórica muito bem fundamentada. Então, naquela época, eu já tinha mais ou menos percebido o que vinha por aí. E foi justamente em vista disso que eu criei o meu curso — o Seminário de Filosofia —, pois já que eu não podia interferir na situação da Igreja Católica, eu podia, pelo menos, ajudar a melhorar um pouquinho, a atenuar um pouquinho, a segunda causa da debacle nacional, que é a decomposição da intelectualidade. Então eu assinalei isso para mim mesmo como uma missão de vida, assumir aquilo. Consciente da dificuldade enorme do empreendimento — principalmente porque eu percebi que nada se poderia fazer nesse sentido dentro da instituição universitária, seria preciso passar à margem dela e, de certo modo, vencê-la e subjugar-la pela qualidade da nossa produção, pela qualidade do nosso trabalho —, eu comecei com esse espírito, por assim dizer, missionário.

No começo as pessoas que se apresentaram para o curso nem mesmo entendiam qual era o objetivo daquilo. Porque a vida cultural brasileira tinha se tornado tão decadente, tão burocratizada que as pessoas só entendiam a atividade intelectual ou como *show business*, ou como atividade profissional universitária. Elas não entendiam a busca de conhecimento ou a aquisição de cultura como uma atividade que existe em si mesma — e que, na verdade, é o centro inspirador de tudo isso. Então, a vida cultural, a vida intelectual passou a ser uma função ou da mídia, ou da universidade, em vez de ser, ao contrário, como sempre tinha sido, ela mesma a inspiradora dessas duas instituições e o motivo para a existência delas. Então, chegou-se à alienação total, quer dizer, aquela inspiração, aquele desejo, aquele objetivo [0:20] em vista do qual são criadas as instituições, são criados os meios, acaba sendo sufocado por essas instituições e por esses meios, que se tornam, eles próprios, os fins.

Mas, aos poucos, eu fui conseguindo transmitir às pessoas uma noção da vitalidade e da força da própria idéia de vida intelectual. Um livro que me inspirou nessa época foi o do padre Antonin Sertillanges que se chama *La Vie Intellectuelle* — A Vida Intelectual. Esse livro praticamente decidiu a minha vida, muitos anos antes disso, e foi uma das obras que me inspiraram para montar o Seminário de Filosofia. A idéia central do Seminário, da estratégia dele, era tentar mostrar às pessoas a vida intelectual não como uma ocupação social ou profissional, muito menos como um *hobby*, mas como um estilo de ser, como uma maneira de viver e como um corpo de valores que deve orientar a construção da sua personalidade. Então, o curso não se destinava a abrir carreiras para as pessoas e nem mesmo a habilitá-las para determinadas atividades concretas, seja no meio universitário, seja na mídia, seja no *show business* etc. A atividade principal era a autoformação da personalidade, usando como instrumento essencial a busca do conhecimento e a ampliação da cultura pessoal, e a qualificação do indivíduo para as tarefas científicas, filosóficas e artísticas

superiores, consideradas independentemente da estrutura social e econômica na qual iriam se apoiar. Em suma, a idéia era fazer intelectuais, pensadores, artistas de altíssimo nível, mais ou menos no estilo que existia, por exemplo, no Brasil, nos anos trinta.

Para vocês terem idéia de como era isso, que era ser um escritor no Brasil nos anos trinta? Eu vou lhes dar um exemplo: o meu falecido amigo, Herberto Sales. O Herberto Sales era um sujeito do interior da Bahia, comerciante do interior da Bahia, que ficou durante anos e anos a fio estudando a obra dos grandes ficcionistas - Stendhal, Balzac, Dickens -, adestrando-se no uso da língua portuguesa e coletando a linguagem da zona de mineração que existia na Bahia — a Bahia era uma zona importante de mineração na época. E ele visitava freqüentemente ali essas minas, conversava com os mineiros, e ia anotando todo o vocabulário específico daquela região — isso foi anos e anos e anos de trabalho. E com isso ele compôs um romance chamado *Cascalho*, que é de uma riqueza linguística absolutamente fora do comum. Então ele mandou um exemplar daquilo para o Aurélio Buarque de Holanda, no Rio de Janeiro. E o Aurélio disse imediatamente: “Ó, menino, você vem aqui. Nós teremos de publicar esse livro.”

Um episódio semelhante, um trajeto semelhante, aconteceu com o grande romancista brasileiro Graciliano Ramos. Graciliano Ramos era também um comerciante, só que em Alagoas, no interior de Alagoas, e era uma pessoa que tinha boa reputação na região. Chegou a ser prefeito numa cidadezinha, Palmeira dos Índios. E ele, a cada fim de ano, fazia um relatório para a Câmara de Vereadores. Por uma coincidência, dois desses relatórios chegaram ao conhecimento do poeta Augusto Frederico Schmidt, no Rio de Janeiro, o qual era também um empresário e editor. E o Schmidt leu aquilo e falou: “Esse sujeito é um escritor. Isso aqui está muito bem escrito, está bem escrito demais! Quer dizer, é claro que esse camarada é um escritor no sentido eminente do termo. Então ele deve ter um romance na gaveta.”

Eu conto esses dois episódios para vocês verem como os intelectuais de grande reputação na capital do país, que era o Rio de Janeiro, estavam atentos para a descoberta de talentos no Brasil; isso por um lado. Por outro lado, naquela época o escritor não era um sujeito que publicava livros. Qualquer um pode fazer isso. O escritor era um indivíduo que se adestrava no domínio da arte e que tentava ser o melhor possível, mesmo que ninguém jamais o conhecesse e mesmo que nenhum dos seus livros jamais viesse a ser publicado. Portanto, a atividade de escritor tinha um certo sentido até sacerdotal, era uma verdadeira dedicação. Isso quer dizer que aqueles valores que eu tinha aprendido ali com o padre Sertillanges, no livro *A Vida Intelectual*, não eram apenas uma coisa ideal. Não, eram valores que realmente orientavam muitas pessoas na sua vida particular; pessoas que davam muito mais importância para serem escritores verdadeiramente, isso é, ter o domínio dos meios artísticos, do que para publicar um livro, dar entrevista, entrar para Academia Brasileira, essa coisa toda.

Hoje essa dedicação à arte da escrita simplesmente não existe mais, as pessoas não sabem o que é isso! Se elas soubessem, então perceberiam o que aconteceu no Brasil nos últimos trinta ou quarenta anos: perceberiam que a literatura brasileira acabou. E que, no máximo, sobrou aquilo que se chamava a vida literária. Existe um contraste entre o que é a literatura enquanto tal — a

arte — e a vida literária, quer dizer, a vida das editoras, das academias, os contatos sociais etc. Sobrou isso apenas. A atividade criativa, a literatura, acabou mesmo. Ela quase foi revigorada, um tempo, graças a esse aporte fabuloso que foi a vinda Bruno Tolentino, que é um indivíduo cuja carreira não é devida ao meio brasileiro, de maneira alguma, porque ele viveu trinta anos na Inglaterra. E ele, com o que aprendeu lá, veio e deu essa injeção de vitamina na literatura brasileira — injeção que ninguém aproveitou. As pessoas viraram as costas àquilo.

Para vocês verem como o Brasil se tornou incapaz de assimilar a grande literatura, até os camaradas que em outras épocas eram capazes, se tornaram incapazes. Se você ler a crítica que o Wilson Martins, que é um crítico que outrora teve alguma consciência literária, fez do livro do Bruno, *A Balada do Cárcere*, onde a única coisa que ele reparou foi: “Ah! Isso aí é um protesto atrasado contra a ditadura.” O livro não tem nada disso, tem aspectos infinitamente mais importantes do que isso, mas olha no que esse idiota vai reparar. Ou seja, até pessoas que eram qualificadas perderam a qualificação para poderem se adaptar mais ou menos à mentalidade reinante. Tudo isso pode ser resumido naquele famoso verso de Antonio Machado: "*Cuan difícil es cuando todo baja no bajar también.*" Quer dizer, como é difícil quando tudo está caindo, você não cair também.

Então, o meu Seminário de Filosofia foi feito para ajudar as pessoas que não quisessem cair, que quisessem conservar a sua qualificação para a grande atividade intelectual, mesmo que não pudessem chegar a exercê-la profissionalmente. Note bem que Graciliano Ramos já tinha quarenta e tantos anos quando Schmidt descobriu aqueles dois relatórios e desconfiou que o sujeito era um romancista escondido. Naquele tempo um escritor sabia que era mais importante ele ter efetivamente o domínio da arte do que publicar livros, brilhar nos círculos literários, etc. Hoje ninguém mais sabe disso. Um sujeito que tentasse se aprimorar na arte literária sem publicar nada, hoje em dia seria tido como uma pessoa anormal, como um doente mental, porque qualquer atividade que não tenha um encaixe social ou econômico imediato é considerada ou loucura, ou hobby, ou gosto, arbitrariedade, frescura. Ou seja, os valores efetivos da vida intelectual, da arte [0:30] etc., eles desapareceram. As pessoas não sabem mais o que é. Mas eu ainda sabia, ainda tinha alguma idéia do que era isso; sabia que sem isso a cultura brasileira ia se tornar toda essa galinhagem que se tornou; e que era preciso tentar preservar alguma coisa e, se possível, lançar sementes maiores para o futuro.

O objetivo inicial, é claro, não era de ordem política, era de ordem cultural. Quer dizer, era preservar certas possibilidades humanas que estavam sendo esfareladas rapidamente pelo desenvolvimento da situação. Mas é claro que a significação política disso logo aparece, e ela se evidencia, por exemplo, no meu livro *O Imbecil Coletivo*, que é um contraste entre a vida intelectual, tal como nós a praticávamos, tal como eu a praticava e a transmitia aos meus alunos dentro do Seminário, e o que nós víamos em volta, nos suplementos literários, nas academias, nas universidades etc. A diferença de nível entre o que nós fazíamos e o que estava ali em volta era absolutamente brutal — brutal, brutal, brutal. Quer dizer que aquilo que no Brasil, em geral, se entendia como um intelectual, como um escritor era o que nós considerávamos um analfabeto, um incapaz, um inepto total. Porque a nossa medida de qualidade, a medida de auto-exigência

era muito maior do que esses camaradas conseguiriam sequer imaginar.

Você vê que entre os intelectuais eminentes que se destacaram nos últimos anos, está aí o seu Emir Sader, que escreve “Getúlio” com “lh”, e assim por diante. Se vocês notarem, por exemplo, esse manifesto de intelectuais feito em defesa do Quartim de Moraes e verem as notas que acompanham as assinaturas, vocês verão coisas do arco-da-velha. Vocês verão professor universitário que lá escreve “naziofacismo”, outro que escreve e me chama de “enti-ético” e assim por diante. Quer dizer, são analfabetos — não é semi-analfabetos, são analfabetos absolutamente incapazes! São pessoas que poderiam ser, no máximo, professor primário de escola no interior, de escola isolada do interior, mas na melhor hipóteses! — e, no entanto, estão aí como professores universitários e um fica alisando o outro. *Asinus asinum fricat*, quer dizer, um asno afaga o outro asno. É o que nós estamos vendo no Brasil, é uma calamidade intelectual como nunca se viu no mundo! Não há nada de parecido em país nenhum. Mesmo em situações de extrema decadência, decomposição cultural, como aconteceu na Alemanha entre as duas guerras, aquilo, comparado com a situação brasileira, parece uma coisa paradisíaca! Quer dizer, a produção intelectual alemã na época da decadência é um negócio maravilhoso, comparado com o Brasil; mesmo a Rússia antes da revolução, que também foi um período de decadência. Aqueles escritores, aquelas discussões públicas que haviam na Rússia então, comparado com o que tem no Brasil... nossa, parece a conversa dos anjos!

Eu sei que, para quem está aí dentro do Brasil, não há nada com que o ser humano não se acostume. Eu recomendo até um livro do Erich Maria Remarque, que chama *Centelha de Vida*, que é a vida num campo de concentração. Até num campo de concentração, quando você já tá pesando trinta e dois quilos — você entra pesando oitenta, dá um tempo e já está pesando trinta e dois quilos —, fica difícil distinguir entre você e um poste, até aí você se acostuma e cria um cotidiano, de alguma maneira. Um cotidiano, uma linguagem, hábitos etc. E se baixasse para vinte e um quilos, também você ia se habituando, até morrer. O ser humano se acostuma com as piores coisas. Se ele se acostuma com a semivida, com aquela centelhazinha de vida que fala o Remarque, se o sujeito se acostuma até com isso, por que que não vai acostumar com uma degradação intelectual que coloca o brasileiro num nível quase animal, hoje em dia? A pessoa não só se acostuma como ela não repara mais nada de anormal. A não ser em duas hipóteses: ou que ela tenha a recordação clara de uma etapa anterior, de que ela tenha absorvido essa etapa anterior — porque tem gente aí que está com setenta, oitenta anos, como Emir Sader e outros, e não absorveram nada — ou você tem um contato permanente com fontes de produção cultural no exterior, com as quais você possa comparar.

Chegando aqui aos Estados Unidos, por exemplo, você vê a quantidade de revistas culturais de altíssimo nível que têm aqui, é uma coisa com que o Brasil não pode nem sonhar. O brasileiro não consegue imaginar aquilo nem quantitativamente. Agora, acompanhar os debates, eu digo: no Brasil, acompanhar os debates intelectuais dos Estados Unidos é impossível. Mesmo os nossos suplementos literários, suplementos culturais, dirigidos por pessoas que são os donos da circulação das idéias, ou os debates na universidade, que são os outros acionistas majoritários da cultura brasileira, todas essas pessoas são incapazes de acompanhar a circulação das idéias aqui,

incapazes de acompanhar até quantitativamente, ou seja, incapazes de formar uma idéia do volume!

Então, como o nível de inteligência, de consciência da Igreja e da intelectualidade baixou a esse ponto, você imagina quanto baixou a dos outros. Eu que dou aula — comecei a dar aula antes do Seminário de Filosofia, muito antes, eu tenho aproximadamente uns trinta anos de prática de dar aula —, eu vejo a inteligência das pessoas baixar dia a dia, eu vejo que as explicações mais simples criam dificuldade para as pessoas. Eu não consigo explicar mais nenhum conceito, por mais elementar que seja, que as pessoas não façam imediatamente milhares de confusões. E as confusões se expressam, sobretudo, em objeções mal feitas. Quer dizer, quanto menos o indivíduo entende, mais ele quer discutir. Porque é uma fatalidade da mente humana que ela funcione dialeticamente, ou seja, que ela funcione por pares de opostos. Então, dado uma idéia, você automaticamente pensa a idéia contrária. Geralmente essa dialetização das idéias é feita dentro da sua mente e você logo chega a uma conclusão. Por exemplo, digamos que o sujeito deu uma idéia aqui. Normalmente, se ele deu uma idéia, você cria uma idéia oposta, depois cria uma idéia oposta a essa, e outra, e outra, e outra... você forma um sistema dialético — isso aí é quase instintivo no ser humano. Mas quando esta coisa pára, acontece o seguinte: você dá uma idéia aqui, o nego pensa imediatamente uma idéia contrária e aí paralisa. E daí ele pega essa idéia contrária e apresenta para você como se fosse uma objeção — quando não é uma objeção, é apenas uma dificuldade mental dele.

E é por isso mesmo que as pessoas que menos entendem são as que mais querem discutir. Elas querem discutir porque elas não são capazes de pensar. Então alguém precisa pensar em voz alta para elas. Portanto, o número de discussões e o número de opiniões em circulação aumenta na proporção inversa da capacidade que as pessoas têm para discutir. E o Brasil é isso hoje: uma espécie de galinheiro imenso onde estão milhões de galinhas cacarejam. Nada do que se fala tem valor, tem sentido. E, de fato, no meio brasileiro, um ensino tal como eu havia planejado inicialmente para o Seminário de Filosofia se tornou praticamente inviável. Esse é um dos motivos da minha vinda aqui para os Estados Unidos.

Mas é claro que, eu tendo vindo para cá, essa atividade não parou. Eu continuo por vídeo conferência, através do programa True Outspcak e em parte também através dos artigos. Se bem que jornalismo no Brasil também é aquilo: o jornalismo cada vez mais é feito para pessoas que não querem ler, não gostam de ler. Então, os artigos vão ficando cada vez menores e menores, o espaço disponível é cada vez menor. Então, eu fico impressionado, porque eu comparo os artigos de hoje com aqueles artigos do Otto Maria Carpeaux que eu coletei para o livro dos *Ensaíios Reunidos*. Um artigo daquele tamanho hoje seria impossível sair em qualquer jornal brasileiro. Os jornais aumentaram formidavelmente de tamanho, mas a extensão do texto vai diminuindo. Cada vez mais papel e menos texto e, portanto, menos conteúdo, menos idéia. Note bem que num artigo de uma lauda e meia você pode emitir uma opinião, mas você não pode argumentar em favor dela. O enunciado da opinião já leva uma lauda e meia. Então, você não pode raciocinar, dialetizar, fazer os prós e contras, você tem apenas que dar a opinião pronta, sem justificação. Eu tento, vamos dizer, quase que por artes mágicas, comprimir um rudimento, pelo menos, de

argumentação ali dentro, com maior ou menor sucesso; mas em geral as pessoas nem mesmo argumentam. Elas dizem: “Eu acho isso e está acabado” — e é o que o espaço permite.

Mas ao longo do tempo eu vi que o ambiente social, cultural, mental brasileiro era tão hostil à vida intelectual, tal como ela tinha sido conhecida em outras épocas, [0:40] que a minha proposta mesma era freqüentemente mal compreendida pelos próprios alunos. Tinha muita gente que passava ali pelo curso, gostava até do curso, porque aquilo o animava — tirava o sujeito do ambiente de estupidez cotidiana e lhe mostrava a existência de um outro mundo de conhecimento, um mundo luminoso... o sujeito gostava de ver aquilo. Mas entre você gostar de ver e você querer conquistar aquilo para você, é outra coisa. Então, em primeiro lugar, havia esse defeito que eu vou chamar de o diletantismo. O sujeito até ia na aula, de certo modo, mas dizia assim: “Ah, eu venho aqui para recarregar as baterias...” Ou seja, ele ia lá, levava uma injeção de inteligência, se sentia inteligente por quinze minutos e aquilo lhe dava um certo ânimo para continuar vivendo o resto da semana. Outros — que eram um pouco mais estudiosos, esforçados — vinham ali com a idéia de entrar na vida intelectual não no sentido que eu estava propondo, mas no sentido da atividade social correspondente.

No sentido que eu estava propondo, a qualificação pessoal era tudo e a atividade externa era nada, era uma coisa para deixar para depois, quando viesse. Vocês têm de se preparar durante vinte ou trinta anos, em silêncio, com modéstia, com dedicação, com humildade; e depois, quando vocês forem homens maduros — como era Graciliano Ramos, ao estreiar com o seu primeiro livro, *Caetés*, que, aliás, nem era muito bom o livro, depois é que ele foi acertar. Ou como eu mesmo fiz, porque eu estreei em livro aos quarenta e oito anos, mais tarde ainda do que o Graciliano. O Graciliano e o Georges Bernanos eram considerados estréias muito tardias, porque tinham quarenta e dois, quarenta e três anos... a minha estréia foi mais tardia ainda, entre o quarenta e oito anos. Mas no Brasil era preciso fazer isso. A situação era tão calamitosa que era necessário formar pessoas que tivessem uma grande força interior, uma grande dedicação aos valores supremos da vida intelectual, da vida espiritual etc. — daqui a pouco eu esclareço mais a ligação entre vida intelectual e vida espiritual.

Acontece que as pessoas iam lá estudar um ano, dois anos e já começavam a querer escrever na mídia, aparecer, dar palpite etc. Quer dizer, dispersavam. Eu chamava isso de ejaculação precoce. O que esse pessoal todo produziu? Nada, nada que preste. Foram lá buscar dois minutos de fama. Mas não era nada disso que eu estava propondo. Eu estava propondo uma longa formação, um longo trabalho discreto, silencioso, humilde como aquele que eu mesmo fiz. Porque eu não comecei a dar palpite em público antes dos quarenta e tantos anos de idade. Eu me preparei longamente para isso. Eu queria que as pessoas fizessem a mesma coisa; fizessem o que fez o Herberto Sales, o que fez o Graciliano Ramos e o que eu mesmo estava fazendo. Ou seja, uma vida de dedicação com o espírito verdadeiramente missionário. E eu vi que praticamente ninguém pegou isso, porque o ambiente brasileiro é aquele ambiente de excitação superficial e imediatista onde o ritmo da televisão, o ritmo do jornalismo cotidiano praticamente determina a vida das pessoas.

Curiosamente, nos anos setenta eu tinha escrito num suplemento cultural, que fiz uma vez para um semanário que existia em São Paulo, nem sei se existe mais, o *Jornal da Semana*; escrevi um artigo que se chamava *Imprensa e Cultura*, em que eu dizia que, pelo menos no Brasil, estava bastante claro que a existência de uma cultura independente da mídia estava com os dias contados: a mídia, o jornalismo cotidiano e o *show business* iriam engolir totalmente as manifestações culturais de maneira que as pessoas não chegariam nem mesmo a conceber o que é a cultura fora das atividades aí desenvolvidas. Ou seja, só entenderiam a cultura como atividade social, não como posse de certas qualidades por um indivíduo, não como cultura de si próprias, não como aprendizado e autoqualificação. Então, o sentido mesmo do que é ser um homem culto havia desaparecido completamente. Havia somente as atividades culturais e não mais pessoas cultas. Ou seja, tudo tinha se transformado apenas em simulacro, em exterioridade. Era um mundo de papelão. E justamente para impedir que tudo se transformasse em coisa de papelão é que eu inventei esse seminário.

Eu não posso dizer que eu fracassei totalmente nesse empreendimento. Teve duas ou três pessoas que pegaram mais ou menos o espírito da coisa, mas a maioria não. A maioria ainda acha que está ali para fazer aquele curso e adquirir algumas técnicas — porque o brasileiro tem essa coisa da técnica. Por exemplo, o pessoal acha que adquirir cultura não é você formar novas idéias, novas percepções da realidade, aprofundar a sua percepção, aprofundar sua compreensão, consolidar sua maturidade. Para eles, adquirir cultura é adquirir técnicas para você expressar a visão do mundo que você já tem. Então, eu vejo que muita gente não entende um “A” do que eu estou dizendo, mas me escreve dizendo: “Ah, admiro muito a sua técnica, a sua técnica de persuasão.” Chega a ser cômico: de tudo o que você está fazendo, o indivíduo pega aquilo que ele acha que é uma técnica de persuasão.

O que se entende por cultura, no Brasil é uma estupidez tecnicamente qualificada. Tecnicamente qualificada para quê? Para bilhar em público, para influenciar pessoas, etc. É claro que isso é de uma degradação moral e intelectual imensurável. É uma coisa que nem vale a pena discutir, porque é tão baixo que não merece nem atenção. Mas eu vejo que, no decorrer dos tempos, esse projeto acabou resultando em alguma interferência política que eu acabei tendo nas discussões públicas, porque junto com o reino da estupidez, veio a ascensão de toda essa camada revolucionária, que toda hora você vê gente dizendo: “Ah, no Brasil tem sessenta milhões de pessoas morrendo de fome...” Tem ninguém morrendo de fome, não. Isso é ridículo. Pessoas que acreditam: “Ah, os americanos estão invadindo a Amazônia...” Não tem nenhum americano invadindo a Amazônia. São pessoas que vivem num mundo de mitologia caipira. Quer dizer, aquela noticiuzinha que passou a circular numa cidade de interior, que todo mundo acredita ali, e que as pessoas repetem isso como se fosse uma verdade do evangelho; isso se tornou, no Brasil, matéria de ensino universitário, meu Deus do céu! O número de pessoas que acreditam nisso é assombroso.

E não adianta absolutamente você avisar as pessoas disso aí. Qualquer besteira que seja colocada em circulação pela propaganda comunista, é automaticamente aceita pela universidade, por toda a mídia e pela opinião pública “letrada” do dia para a noite, como se fosse uma verdade definitiva.

Por exemplo, não está aí a Folha de São Paulo dizendo que centenas de milhares de mulheres morrem anualmente de abortos ilegais? Quando você vai ver as estatísticas do SUS, o número de mulheres que morrem de aborto ilegal, no Brasil, por ano é seis, sete, oito pessoas. É exatamente isso. E, pior, quando a gente vai ver quais são as entidades que fomentam os abortos ilegais, são as mesmas que fazem campanha pela legalização do aborto. Então é claro que tudo isso é uma mentira sórdida, que as pessoas que fazem isso, que alardeiam isso deviam estar na cadeia. Inclusive esse seu ministro da saúde tinha que estar na cadeia, porque propaganda enganosa para obter vantagem política é um crime, claramente.

Mas essas coisas são acreditadas no Brasil automaticamente, porque as pessoas se tornaram burras, muito burrinhas. Vocês não têm idéia da diferença de nível entre um brasileiro letrado e qualquer pessoa aqui dos Estados Unidos. As minhas vizinhas aqui, uma é enfermeira, a outra é, por exemplo, bombeira aposentada, velhinha... a outra é corretora de imóveis... essas pessoas têm um nível de informação e um nível de compreensão das coisas que, no Brasil, nenhum professor universitário tem. Você conversa com o funcionário do banco aqui, parece que está conversando com um professor universitário. No Brasil, eu converso com um professor universitário e parece que estou conversando com um lixeiro — lixeiro, não. O Emir Sader não tem nível de lixeiro, tem nível do lixo. Se você interrogar o lixo, ele vai falar que nem o Emir Sader. O que está acontecendo no Brasil é uma calamidade. Agora, como já faz parte dessa mesma doença, a convicção de que a vida real é uma coisa e a cultura é outra, então as pessoas acham que tudo pode melhorar no Brasil — pode melhorar a economia, melhorar a sociedade, melhorar a política etc. — e depois de tudo isso melhorar, [50:00] nós vamos pegar um negócio chamado cultura, como se fosse a cereja em cima do bolo, e botar ali. Essa visão é absolutamente psicótica. Como é que a pessoa pode primeiro resolver todos os seus problemas e depois se tornar inteligente? Não teria que ser o contrário? Ele primeiro se tornar inteligente, daí vai resolver o problema.

Então, tem dois problemas urgentes no Brasil: o problema espiritual e o intelectual. O espiritual significa sanear a Igreja, pegar todos esses vagabundos comunistas que se infiltraram lá e botar para fora. Eu me recuso a chamar um cara desses de eminência. Eminência é a sua mãe! Como que você vai pegar esses camaradas que são evidentemente comunistas infiltrados — está na cara, só falta estar escrito na testa: “Eu sou o comunista”. Ora, quem é comunista ou colabora com o comunismo está automaticamente excomungado, de acordo com o decreto de Pio XII (Decreto Contra o Comunismo, de 1949) que foi depois confirmado por João XXIII (*Dubium*, de 1959). Qualquer colaboração com partido ou com regime comunista é excomunhão automática. Então, se eu estou conversando com o sujeito e eu sei que ele já é um excomungado, ou seja, ele não é sequer um membro da Igreja e está lá vestido de cardeal, eu vou tratar como eminência? Ora! Que palhaçada é esta? Tem eminência nenhuma ali.

Pela situação da Igreja eu posso fazer pouca coisa. Não tenho qualificação nenhuma para fazer pregação religiosa, nem para converter os infieis etc. O meu campo não é esse. O meu campo é o da educação do intelecto. E o intelecto é coisa básica, inclusive para a atividade religiosa. Porque aquilo que você crê depende daquilo que você entende. Não pense que o simples fato de você subscrever certos artigos de fé torna você um cristão. Não torna de maneira alguma. Porque o

cristianismo seu estará em duas coisas: estará no conteúdo dos seus pensamentos efetivos — aqueles pensamentos que você tem por dentro — e estará na substância das suas ações reais. Ora, se você tem pouca consciência de si, se a sua vida mental é apenas uma tela de superfície em cima de uma confusão inconsciente medonha que tem dentro de você, se você vive só na superficialidade, no falatório, e não tem idéia das camadas mais profundas da sua personalidade, você não sabe o que está fazendo. Você não sabe nem quais são os seus pecados. Você não se conhece. Sem o autoconhecimento não existe cristianismo, porque existe no cristianismo um sacramento que se chama confissão. Como é que você pode confessar se você não sabe o que você fez, não sabe o que pensou e não sabe qual foi sua intenção? Como é que você pode confessar se todo o conteúdo dos seus pensamentos é só falatório ouvido e não tem nenhum aprofundamento na realidade da sua alma? Então, isso quer dizer o seguinte, se você não tiver educação para isso, você não será cristão coisíssima nenhuma, você apenas pensará que é. Pode ser até que Deus, na sua infinita misericórdia, aceite esse seu simulacro de devoção, porque diz: “Coitado, esse é uma besta mesmo, não entende nada. Então mete o sujeito no Purgatório um tempo para ver se ele melhora...” Mas eu garanto para você que no Purgatório você vai ter é de estudar para ver se adquire um pouco de consciência.

No sentido em que eu formulei o Seminário de Filosofia, a aquisição de cultura e da qualificação intelectual era uma só e a mesma coisa que o aprofundamento e maturação da consciência individual — consciência moral, sobretudo. Consciência moral não quer dizer que você será santinho. Não é isso. Isso é outra parte do negócio. Não é bem a educação moral, mas é o despertar da consciência moral. Não quer dizer que você será santo e que nós vamos ter que fiscalizar sua conduta e vamos condená-lo pelos seus pecados... não fazemos nada disso. Eu estou pouco me lixando para isso. Só uma virtude nós teremos que cultivar e só uma virtude era visada pelo meu Seminário de Filosofia: a virtude da sinceridade. Porque a sinceridade é a base da inteligência.

A inteligência é a capacidade que o ser humano tem de captar a verdade. Você não pode captar nenhuma verdade sobre a sociedade humana, sobre a história ou mesmo sobre as ciências, se você não é capaz de captar a sua própria verdade. E a sua própria verdade se traduz na narrativa que você faz dos fatos internos e externos da sua vida para você mesmo e para o próprio Deus. Porque Deus é o observador onisciente que não permite que você se engane. Quando a Bíblia diz aquela expressão: “Abraão caminhava diante de Deus”, quer dizer que Abraão estava consciente de que Deus sabia o que ele estava fazendo, o que ele estava pensando e que Deus sabia mais sobre ele do que ele mesmo. Portanto, na medida em que ele se abrisse para Deus, ele não ia mostrar para Deus só aquilo que ele sabia de si mesmo, mas aquilo que o próprio Deus estava lhe revelando dele mesmo e nessa mesma hora. Quer dizer que quando você conta a sua vida para Deus, Deus conta para você muito mais sobre você mesmo do que você poderia contar para Ele.

A sinceridade, e, portanto, a confissão, é a técnica do aprendizado, a técnica fundamental da filosofia. Isso aí você aprende não só no cristianismo, mas aprende com Sócrates também. Então, fazer da prática da sinceridade interior a base da autoeducação, essa era e é a norma central do Seminário de Filosofia. Só que isso não serve para pessoas que estão a fim ali ou de se divertir ou

de recarregar suas baterias, mas somente para pessoas que entendem que a atividade intelectual, assim concebida, é uma atividade voltada para a salvação de um país que está se desgraçando. É a qualificação de pessoas para o exercício duma função de emergência! Portanto, é uma educação para pessoas que estão dispostas a entrar nisso com verdadeiro espírito missionário.

Se as pessoas entendessem isso, entenderiam que essa proposta não é para você se divertir de vez em quando e nem para você assistir dois ou três aninhos de aula e daí sair procurando: “Ah, eu vou agora fazer um curso de mestrado”, “Eu vou agora pegar um diploma de não sei quê”, “Eu vou ser professor não sei onde”... Eu não estou interessado em ajudar pessoas a progredir dentro de uma profissão decadente, estúpida e corruptora. Eu estou interessado em fazer pessoas e não dar qualificação profissional. Para qualificação profissional, meu filho, você trabalha em qualquer coisa, arruma um emprego no posto de gasolina. Seja comerciante como foi o Herberto Salles ou o Graciliano Ramos até quase os cinqüenta anos. Se eles podiam ter uma profissão humilde e serem grandes intelectuais, grandes artistas como foram, por que você não pode também? Por que você logo precisa brilhar, ser professor, doutor, PHD etc., seja no Brasil ou seja no exterior? Eu não darei o melhor de mim, aquilo que eu juntei, criei e aprendi durante trinta ou quarenta anos, para ajudar moleque a subir na vida. Isso aí é carreirismo barato.

Então, o que nós precisamos nesse seminário são pessoas que têm uma noção da altíssima missão da vida intelectual. Entendem que ela é, nada mais, nada menos do que apostulado leigo. Ela é parte da atividade cristã, parte integrante. E, muitas vezes, uma parte muito mais importante do que esses padres e pastores estão desempenhando aí. Agora, não é porque eu não estou falando em linguagem de Bíblia, não é porque eu não estou falando em linguagem religiosa, que a minha atividade não é apostolado. É apostolado sim. E vocês têm de entender isso. Frequentemente, mais importante e mais vital do que você ficar rezando na igreja e juntando dinheiro para a coleta.

Eu sei o seguinte: quando você vai e dá dinheiro para o pastor, você acha que você está contribuindo para a causa de Deus. Agora, se você vem aqui e paga uma mensalidade desse curso ou faz uma contribuição qualquer, você diz o quê? “Estou ajudando o Olavo...” Ajudando o Olavo é a mãe! Vamos parar com essa brincadeira! Isso é duma incompreensão absolutamente vergonhosa. Eu não preciso da sua ajuda. Eu escrevo meus artigos, ganho dinheiro como profissional de imprensa e não preciso da sua ajuda. O que é preciso é juntar força, juntar pessoas e recursos para ampliar esse trabalho, para que isso possa exercer o seu papel benéfico, a sua influência benéfica sobre a maior extensão que nós possamos alcançar. A salvação desse país depende muito mais dessa atividade do que da atividade formalmente religiosa que muitos estão desempenhando. Porque toda essa atividade, se não for calçada no desenvolvimento da verdadeira consciência pessoal — a qual só se desenvolve com [1:00] muito esforço intelectual — ela será nada.

É por isso que eu estou lhes passando esta mensagem. Eu não estou aqui para ajudar menininho a subir na vida e nem para divertir filhinho de burguês. A minha proposta é para pessoas que têm o espírito missionário e que queiram dar a sua vida para essa missão que é tão importante quanto a de socorrer os doentes ou pregar a letra do Evangelho — porque aqui nós estamos fazendo algo mais do que pregar a letra. Frequentemente, nós não nos referimos ao Evangelho aqui, usamos

uma linguagem que não parece nada com a da religião. Só que é o seguinte: nós estamos praticando a arte da verdadeira descoberta de si e da verdadeira confissão. Esse é o espírito da filosofia e, sobretudo, da filosofia cristã. E sem isso você não é absolutamente nada.

Se vocês querem se inspirar, leiam os *Pensamentos* de Pascal e as *Confissões* de Santo Agostinho. São livros básicos da filosofia. Ou então os diálogos de Sócrates. E você entenderá que a sinceridade, ou seja, a capacidade de você declarar o que realmente sabe, o que realmente está percebendo — que não é uma capacidade fácil — e de conseguir raciocinar a partir da realidade, e não de palavras ouvidas, é a base da filosofia. E isso não é uma coisa que se aprenda como disciplina escolar. Isso é uma disciplina de vida, uma norma moral. Aqueles que não estão interessados em aprender isso, eu não estou interessado em ensinar nada para vocês. Eu preciso de pessoas que queiram se dedicar ao cultivo dessa virtude que é essencial. Porque, note bem, qual é o primeiro mandamento? Amar a Deus sobre todas as coisas. Bom, você nunca vai conhecer Deus na sua totalidade, nem na sua essência. Nós conhecemos algumas qualidades divinas. Mas a primeira dessas qualidades é que Deus é a verdade. Aquele que não tem amor à verdade, não tem amor nenhum a Deus. Porém, nós amamos à verdade, mas nós não a conhecemos. Então, o amor à verdade não é o amor a uma crença pronta, não é o amor a certas frases que você acha que são verdadeiras — nem mesmo frases da Bíblia. O amor à verdade é a busca da verdade e a abertura do coração para aceitar a verdade tal e como ela se apresenta. Isso é uma disciplina de vida.

Muitas vezes essa disciplina, que é muitíssimo exigente, ela pode coexistir na pessoa com os piores defeitos de personalidade. Mas, aos poucos, ela mesma vai irradiando para o restante da personalidade e a pessoa vai melhorando. Eu tenho centenas de alunos que disseram isso para mim, são depoimentos de como eles foram melhorando em todos os setores da vida: vão se tornando mais honestos, mais consistentes, mais sinceros para com eles mesmos e com os outros. Ou seja, o método que eu uso aqui funciona. Ele funciona, mas não basta só eu ter o método certo, é preciso que o aluno venha com a intenção certa. Porque a educação é uma arte na qual o professor só cria o instrumento. A educação não é praticada pelo professor. A educação é praticada pelo aluno! A minha função aqui é como se fosse, vamos dizer, a do empresário de boxe. O empresário de boxe não vai subir lá no ringue e lutar. Não! O que ele faz? Ele monta o ringue, cria o espetáculo, atrai o público, dá lá o treinamento para os caras, daí eles que têm de lutar. Agora, se você não quer lutar, se você quer ser só espectador, então seu lugar, de fato, não é nesse seminário. Mas, note bem, o Brasil precisa urgentemente de uma geração de pessoas mais consistentes, mais firmes, mais verdadeiras que possam, discretamente e em segredo, ir aprendendo as coisas e criando uma consciência mais firme.

Daqui vinte, trinta ou quarenta anos — ou dez, vamos ser otimistas — essas pessoas podem criar uma nova cultura brasileira. Não dentro do *establishment* cultural, editorial, não dentro da mídia e não dentro da universidade. Simplesmente criar essas coisas. Pode crer que tão logo haja obras que testemunhem essa conquista interior, elas terão uma força por si, elas se irradiarão por si. Como diz o Cristo: “Ninguém acende uma luz para escondê-la”. Tão logo você tiver acendido a luz da sua consciência e ela tenha iluminado uma parcela da realidade e você esteja em condição

de verbalizar isso — não de dar opinião, porque dar opinião você pode dar agora, mas de verbalizar uma efetiva experiência interior da realidade —, nós teremos criado uma nova cultura brasileira e ela superporá a essa falsa cultura automaticamente, sem você precisar fazer nenhum grande esforço de propaganda. Essa era a minha esperança quando eu comecei o Seminário de Filosofia e é nela que eu aposto ainda. É claro que hoje eu estou mais velho e cansado, tive muitas decepções no curso desse esforço, mas é a isso eu que dediquei a minha vida e eu não vou mudar de caminho. A pior coisa do mundo é o sujeito dar certo na coisa errada. Eu só quero dar certo numa coisa e minha coisa é essa. É a atividade da filosofia e da educação, na qual o jornalismo pode servir, às vezes, como um instrumento auxiliar, mas só como um instrumento auxiliar, e, aliás, muito precário.

Esse é o apelo que eu faço a alunos, ex-alunos, futuros alunos e leitores: que venham a esse Seminário, aprendam as coisas que eu tenho para ensinar, mas venham com o espírito missionário; não com o espírito de se divertir ou com o espírito de seguir carreira universitária. Eu estou pouco me lixando para a sua carreira universitária, para a sua profissão. Se você não sabe como ganhar dinheiro por você, você não tem qualificação para estudar, porque a primeira coisa é um homem aprender a se sustentar. Ele tem de ter um emprego e tem de se sustentar. Depois disso, ele pode, vamos dizer, se dedicar a alguma atividade básica. Então não tente adquirir qualificação profissional aqui. É claro que você vai ganhá-la também, mas ganhará como uma espécie de *fringe benefits*. Não faz parte da substância do que eu estou ensinando. A minha idéia aqui é formar seres humanos conscientes e qualificados para a vida intelectual por serem portadores da virtude da sinceridade. Sinceridade não significa você sair contando a sua vida para todo mundo. Não precisa contar para ninguém, você contará para você mesmo e para Deus. Porque é também o verso de Antonio Machado: “Quién habla solo espera hablar a Dios un día.” — aquele que fala consigo, espera falar para Deus um dia. Falando consigo mesmo, investigando a sua realidade, confrontando com a realidade em torno, você vai adquirir uma certa consistência de discurso e aprenderá a reconhecer a sua própria voz, verdadeira, que vem de dentro. E aí, você pode até falar para Deus, com a certeza de que Deus está te ouvindo. Fora disso, é tudo blá-blá-blá.

Fica aqui esta minha mensagem que eu divulgarei por todos os meios que disponho... meu site, passar pela internet, e espero que seja ouvida e compreendida. Muito obrigado a todos.

Transcrição: Conrado Rosa e Gustavo Mazzini, 18/05/2021.

Revisão: Conrado Rosa, 20/05/2021, Victor Bianconi, 29/05/2021.